

Águas de Maio:  
Impactos culturais de 1968<sup>1</sup>

Marcio Luiz Carreri<sup>2</sup>

**Resumo**

O texto pretende apresentar impressões sobre o conjunto de movimentos sociais e culturais conhecidos como “Maio de 68” e sua leitura, quarenta anos depois. Passa pela historiografia, problematiza conceitos, concepções e representações sobre os eventos fundamentais para a Teoria, Cultura e visões de mundo.

**Palavras-chave:** Maio de 1968, Revolução, Representações, Cultura.

**Water May: Cultural Impacts of 1968**

**Abstract**

The text intends to present consideration on all the social and cultural movement known as “May 68” and his reading, forty years later. Moves by historiography, presents concepts, conceptions and representations of the events central to the theory, culture and visions of the world.

**Keywords:** May 1968, revolution, representations, culture.

1 Texto originalmente preparado para o evento comemorativo e reflexivo sobre 1968 intitulado “Maio de 68: impactos culturais e sociais” promovido pelo curso de Filosofia da UENP, campus Jacarezinho, Paraná, em 13 de novembro de 2008.

2 Mestre em História pela UNESP/ASSIS; Professor-assistente da UENP - Universidade do Norte do Paraná – campus Jacarezinho, onde ministra cursos ligados à Metodologia e Historiografia, além de orientar pesquisas de graduação e especialização. Colaborador do LEPHIS - Laboratório de Ensino e Pesquisa de História, idealizador e coordenador do GIMF - Grupo de Estudos sobre o pensamento de Michel Foucault por dois anos. Participa do Grupo de Pesquisa “Literatura e História: Memória e Representação”, orientando pesquisas na linha “Discurso literário: ciência, poder e subjetividade”. Coordenador do Projeto “Diálogos Sociais - Cultura e Democracia”, vinculado ao Programa de Extensão Universitária “Universidade Sem Fronteiras” no âmbito da UENP, onde é membro do Conselho Gestor. Membro da Comissão Provisória de Institucionalização da Extensão da UENP. É autor do livro *Agulha no Palheiro*, publicado pela Editora da UEL, na sua segunda edição.

Como nos tempos de Hegel, ninguém está dizendo que a Arte acabou, mas simplesmente que a alta voltagem de uma primeira audição de Schönberg ou a leitura de um texto inacabado de Kafka não se repetirá mais com a intensidade e a verdade de quem se defronta com um limiar histórico

Paulo Eduardo Arantes

Definitivamente, o conjunto de acontecimentos em torno do contexto do fim da década de 1960 não deverá ser esquecido, não tão cedo. 1968 sugere e propicia análise sobre o tempo vivido enquanto passagem, para entendermos a representação da realidade vivida. Já é chegada a hora de uma revisitação<sup>3</sup> e o tempo dos 40 anos, marco temporal, efeméride, é mera justificativa cronológica dos profissionais da memória. Mas o tempo se faz necessário para o pensar refletivo sobre a época em questão, principalmente por conta desse nosso momento complicado, de inflexões dos movimentos sociais, crise teórica de tudo quanto é campo e, ao mesmo tempo, reafirmação do indivíduo e sua subjetividade no palco do consumo sob influência decisiva da mídia. Esse amálgama de variantes é o motivador desse texto, qual seja pensar o nosso tempo tendo os referenciais vindos dos “domínios da história”, bem como a necessária interface com outros campos do saber, como a Arte, Estética, Sociologia e Filosofia. No primeiro momento, história social, história cultural, história das idéias ou mesmo história do tempo presente se entrelaçam e se articulam para fornecer um plano teórico e metodológico e os experimentos com outros saberes poderão fornecer caminho mais seguro, apesar de menos rígido, para estabelecer esse diálogo com o tempo.



Figura 1 - Imagem de manifestante é relacionada ao quadro de Delacroix “A Liberdade Guiando o Povo”.

Pode acontecer então que voltar atrás seja uma maneira de seguir adiante: lembrar os modernistas do século XIX talvez nos dê a visão e a coragem para criar os modernistas do século XXI. Esse ato de lembrar pode ajudar-nos a levar o modernismo de volta às suas raízes, para que ele possa nutrir-se e renovar-se, tornando-o apto a enfrentar as aventuras e perigos que estão por vir. (BERMAN, 1986)

Mescla de ensaio e memória, de quem nasceu neste ano e desde os anos noventa pensa sobre ele, produzir uma reflexão sobre os acontecimentos de 1968 e dos impactos sociais e culturais no Brasil e no mundo na contemporaneidade é tarefa árdua, significa também uma revisitação pessoal, a dimensão simbólica, mítica e utópica que fui forjado. Primeiro aponta para uma perspectiva de olhar para a história do tempo presente e toda implicação sobre ideologia, representação, apropriação, discursos, sentimentos e retóricas, segundo indica uma equação, nas palavras de Pirre Nora *a dialética da lembrança e do esquecimento*. O tempo é oportuno, como todo o tempo o é, mas os quarenta anos rememorados servem também a uma perspectiva dos jogos de memória<sup>4</sup> e das lutas de permanência e transformação,

<sup>3</sup> MARTINS FILHO (1998) organizou um conjunto de artigos quando da ocasião dos 30 anos dos movimentos (1968 faz 30 anos), especificamente sobre o movimento estudantil brasileiro do período.

<sup>4</sup> Sobre isso ler CHARTIER, *O Mundo como Representação*, LE GOFF e NORA *História e Memória*, HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva* HOBBSBAWM, E.J. *Tempos Interessantes*.

dualismos mestres na trama da história, como as mediações do tempo e da memória, primas de nossa discursividade. Segundo

O retrospectivo da e o da imaginação confundem lembrando o estudo de Aristóteles, o qual “a parte da à qual pertence a (*mnéme*) é a da qual nasce a imaginação e por decorrência, representação de uma (BOLLE, 2000)



Figura 2 - Foucault “tomando partido” em relação aos movimentos culturais em Paris.

É sabido que todo historiador está presente na história que elabora e a historiografia, enquanto conjunto articulado de conhecimento, está olhando para si mesma, como nunca antes (BARROS:2008).

### Significados e impressões

1968 produz entendidos, nos jogos de representações, como um momento impar da história humana. Por tratar-se de uma revolução cultural e não apenas política e social, a soma dos movimentos e suas particularidades traduz-se numa nova forma de relação com o mundo e com as coisas; mas é também, na visão de uns, como um movimento de alienação, não propositivo e anárquico, onde a quebra de paradigmas não apresenta um outro, mas sim uma era de incerteza e caos teórico, completado com a quebra do muro de Berlim e a dissolução do socialismo estatizante. É visto também como uma peça mantenedora do sistema capitalista, e mais, contribuindo com a transformação de movimentos autônomos em produtos comerciais, midiáticos e de publicidade de massa.

Michel Foucault, em *Microfísica do Poder*, acentua o caráter de fuga ao dogma marxista deste movimento, como um encontro com a subjetividade em sua maior expressão, o corpo:

Pode-se dizer que o que aconteceu a partir de 68 – e, provavelmente, aquilo que o

a s s i m  
matérias-  
Bolle:

trabalho  
memória  
se  
–  
clássico  
segundo  
alma  
memória  
mesma  
também  
(*fantasia*)”  
a  
época.



refere a esse acerto de contas com o passado, ainda que esse passado nem seja tão distante e se mostre impactante ainda na contemporaneidade, ou como disse Tetart (2000, p. 138), *no tempo quente dos acontecimentos*.

Um marco para o movimento pela emancipação feminina, a luta pelos direitos das minorias raciais e sexuais, a preocupação ecológica por conta da tecnológica, a exigência da ética na política e a busca, enfim, por uma causa que se opusesse à desumanização do trabalho e à comodidade diante dos poderes estabelecidos. Os movimentos de 1968 influenciaram o modo de agir e de pensar no Brasil e no mundo. 1968 não limitou-se às barricadas estudantis ou mesmo à maior greve geral da humanidade, ocorridas na França. O espírito libertário da época se alastrou pelo mundo todo, seja nos campi norte-americanos, onde se protestava contra a Guerra do Vietnã, ou nas ruas tomadas por estudantes e operários na Alemanha, Itália, Egito, México, Japão e Canadá. No Brasil, a contestação encontrou eco vibrante na resistência à ditadura militar, na contracultura tropicalista e também nos movimentos grevistas em Minas, São Paulo e capitais.

A primeira perspectiva que se apresenta é estabelecer um modelo teórico que dê conta de situar o conjunto de movimentos entendidos como contracultura. Partindo da tradição de Marx, Nietzsche e Freud, tais autores que Foucault entendia como o triado do saber, os portadores de discursividades, demonstram a tarefa nada fácil de experimentar lançar lances nesse jogo.

O materialismo histórico oferece uma gama imensa, um amontoado de reflexões sobre o tema, o que contemplaria toda uma apresentação (Fernandes, Gorender, Betto e outros). Os debates acerca do Estruturalismo, Funcionalismo e Fenomenologia, a Escola dos Annales e do amplo leque da história cultural, das ciências sociais e a literatura engajada debatem o tema em eventos de tal fim<sup>5</sup>.

Acerca especificamente do tema que nos é cabido, urge chamar a atenção que analisar impactos não é tarefa do historiador, mas do sociólogo, na medida em que implica em tratar de questões sociais do presente. Mas por outro lado, tudo o que vem a produzir sentido é parte das reflexões tanto teóricas como de práxis, em amplos campos de estudos e pesquisas.

### Trabalhando o tema

Como dizíamos, trabalhar Maio de 1968 e os “Impactos culturais e sociais no Brasil e no mundo” é um baita desafio que não se esgota. Escrevi algo sobre isso quando do meu livro sobre o movimento anarquista (2007), reivindicando naquele momento tal conjunto de movimento para o jogo da memória libertária, o que seria um projeto fabuloso senão falho na essência, imaginar que o momento artístico, político, social e midiático daquele tempo portasse uma única bandeira. Toda a tradição de luta dos negros, dos homossexuais, movimento feminista, estudantil e de trabalhadores é por demais amplo para ser patenteado, tai a grita dos marxistas.

Uma influência bastante sentida do conjunto de movimento é no campo intelectual e na aventura

5 “Seminário 40 anos de 1968: continuidades e rupturas”, UFF, Niterói, Rio de Janeiro. Maio de 2008. UFRJ realiza o seminário “Saúde Mental e 1968”, debate transdisciplinar sob coordenação do depto de Psicologia. A Unisinos organizou o Simpósio Internacional O ano de 1968: Permanências e Mudanças. A UFBA 68+40. UFMG organizou a *Mostra 68. Reunião anual da SBPC. Entrevistas, programas, especiais, revistas e reedições de livros de Zuenir Ventura, Alfredo Sirkis e outros.*

estruturalista, no dizer de Dosse (2003). Esse movimento, se não feriu de morte aquele modelo teórico, precipitou sua crise, pois a emergência do sujeito na ordem tradicional das coisas provocou um repensar da teoria.

Revolução de costumes e de cultura, para não dizer revolução cultural e não remeter ao banho de sangue de Mao-Tsé-Tung. Sem dúvida o movimento apresentou um caldo de crítica muito forte ao socialismo real.

Jornalistas (Ventura, Sirkis, Gaspari, Gabeira), historiadores, sociólogos, militantes católicos (Dom Paulo, Frei Chico, Frei Beto) e literatos se debruçam na tarefa de representar a si mesmos, na medida em que os acontecimentos circunscritos à época é parte do que Chartier chamou de lutas de representação e remete ao modo de vermos o mundo.

Sonia Goldfelder – A Primavera de Praga e o romance histórico de Milan Kundera – a insustentável leveza do ser realiza uma importante metáfora que nos ajuda a entender o dilema da dimensão humana, a contraposição entre a liberdade e o que fazer com ela, os limites, os recursos, o jogo da possibilidade e a permissão e pode também oferecer uma compreensão do eterno retorno da filosofia de Nietzsche, diante da finitude das possibilidades frente a infinitude do tempo.

Para *Murray Bookchin*, ninguém incitou à revolta, ninguém chegou a organizá-la e também ninguém conseguiu controlá-la. As inscrições que podiam ser lidas nos muros de Paris: “*poder para a imaginação*”; “*É proibido proibir*”; “*A vida sem tempos mortos*”; “*As Estruturas não Descem à Rua*”; “*Trabalho nunca*”, “*Gozar sem feios*”, “*Nem Deus, nem mestre*”, “*A sociedade alienada deve desaparecer da história*”, “*Nós estamos criando um mundo novo e original*” e “*A imaginação toma o poder*” - demonstram o caráter das rebeliões de 1968, sobre o qual registrou *Bookchin*:

Representam uma análise mais profunda dessas origens do que todos os volumes cheios de teorias herdadas do passado. A revolução revelou que chegamos ao fim de uma era e ao início de novos tempos. As forças que hoje motivam a revolução (...) já não são simplesmente a escassez e a necessidade material, mas também a qualidade de vida cotidiana, a necessidade de liberação da experiência e a tentativa de controlar o próprio destino. (WOODCOCK, 1998)

A grita marxista em relação àqueles movimentos coletivos é que os mesmos não estavam sob coordenação de um Partido ou sindicato, mas autônomo, o que representava um arroubo para a dicotomia da Guerra Fria.

### No Brasil

1968 encontrou o Brasil num momento paradoxal. O componente político, muito mais que



**LE MOUVEMENT POPULAIRE  
N'A PAS DE TEMPLE**

26  
**Figura 3 - Cartaz “O movimento popular não possui templo”, feito por estudantes.**



cultural, se fazia presente, por conta da ditadura militar e o esmagamento propiciado por um de seus aparelhos, o A.I. 5, com proposta de esmagamento do movimento estudantil e artístico e a atuação dos mesmos.

Jacob Gorender, autor de *Combate nas Trevas - A Esquerda Brasileira: das ilusões perdidas a luta armada*. Trata-se de um historiador, militante de esquerda, perseguido e torturado pela ditadura militar. Gorender, professor da UNICAMP, filiando ao PT e ex dirigente comunista, vai afirmar que 1968 começou antes, nas lutas populares e sindicais para a



Figura 4 - Estudantes protestando contra a ditadura no Brasil (1968)

consolidação das reformas de base de João Goulart. Como o próprio título sugere, o combate se deu nas trevas, isto é, nos primórdios da ditadura militar.

Em *Brasil: Nunca Mais*, Arns sobre a invasão da política no campus da PUC, bradou: “Na PUC só se entra prestando exame vestibular e para ajudar os pobres. O movimento musical da Tropicália, capitaneado por Tom Zé, Caetano, Gil, Oiticica e Torquato Neto foi estudado por Carlos Calado, Wally Salomão e Patrícia Marcondes de Barros. Carlos Callado, no livro *Tropicália*, organiza uma espécie de revista do estilo da Tropicália, reunindo entrevistas e um material iconográfico espetacular. Mas é pouco crítico na medida em que exalta, como o fez Wally Salomão que o via como *um movimento rico, fecundo, só comparável à Semana de Arte Moderna*, embora seja nítida, do ponto de vista estético, a aproximação de Caetano e outros na temática desenvolvida por Oswald de Andrade na famosa década de 30 do século passado.

Nesse sentido, o livro de Patrícia Marcondes de Barros *Panis et Circenses: A idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista* afirma o caráter libertário da proposta musical:

Mais do que um movimento de renovação artística, a Tropicália se manifesta como um movimento contracultural, questionando os costumes e as tradições de toda a sociedade. A irreverência e o deboche como meios para atingir os seus objetivos foram largamente criticados, tanto pela direita quanto pela esquerda, numa época marcada pela extrema politização das manifestações artísticas em geral. (BARROS, 2000)

A reivindicação do movimento para sua representação cultural e especialidade libertária encontra eco no texto de Mattos, 1968 – *As Barricadas do Desejo*

O maio de 68 não pode ser compreendido em tal grau de generalidade, pois perder-se-ia sua atualidade e sua originalidade. Além disso, seria esquecer que o Maio parisiense não foi um fenômeno isolado. Mais ou menos violento, mais ou menos organizado, mais ou menos reprimido, mais ou menos libertário, é o mesmo Movimento que acontece em Varsóvia, Berkeley ou Paris. E subsiste a interrogações: por que uma multidão, diversa segundo cada país, se torna explosiva simultaneamente? Questão tanto mais pertinente

quanto não há nenhum centro de direção clandestino orquestrado unificadamente a agitação. Há simultaneidade, mas não coordenação. (MATTOS, Olgária, p. 240)

Sobre a “crise dos grandes paradigmas” e do marxismo em particular e sobre o conjunto da causa pacifista (que intelectuais de peso aderiram, como E. P. Thompson), Perry Anderson, referente historiador marxista inglês, em “A Crise da Crise do Marxismo” (1985), pensou:

Os movimentos pacifistas, em que pese sua importância estratégica nessa questão, não terão jamais forças para romper os elos da cadeia da guerra. A humanidade não é homogênea e, dificilmente, ela toda se poria na empresa de defender a paz à custa das diferenças e do interesse de certas classes de sacudir o jugo que as oprime e esmaga. Mesmo porque, como se disse, essa paz que defenderiam seria uma paz sombria, a paz da renúncia ao direito de ser da maioria da população do globo. O pacifismo só encontra seu sentido pleno quando associado ao movimento de emancipação dos trabalhadores. (ANDERSON, 1985)

Os intelectuais que abandonaram o Partido a partir da década de 60 do século passado, ainda que encontraram espaços para suas manifestações, não abandonaram o referencial ético e coletivo que marcaram suas atuações e suas produções marcam essa nova etapa, isto é, no campo da História, a ponte entre a História Social e a Cultural, que acabaram por promover.

#### **40 anos depois**

Para Zuenir Ventura, há heranças de 1968: as ruínas são a popularização do uso das drogas muito por conta da idéia de que a droga libertaria e era fonte de criação e poder, ampliando o consumo e a repressão no mundo todo. Outra é a reorquestração da direita, que nas últimas décadas do século condenaram o mundo a um atraso cultural e uma truculência absurda.

Mas Ventura considera um avanço no aspecto do cotidiano e dos costumes: *Eu acho que avançou-se muito no terreno dos costumes, das liberdades individuais, sobretudo em relação à mulher - a condição feminina avançou muito.*

A historiadora da UEL, Maria de Fátima Cunha (2008)<sup>6</sup>, autora de “Eles Ousaram Lutar - A Nova Esquerda Brasileira no Período de 1964-1972” afirma:

As lutas se fragmentaram, as causas hoje são mais individualizadas: temos os negros lutando pelos negros, os trabalhadores pelos trabalhadores. Talvez o que chegue hoje mais próximo de uma causa revolucionária seja a questão do meio ambiente. Já vemos boicotes coletivos a marcas que poluem e atos organizados como os do Greenpeace. Quem sabe o que virá no futuro? (CUNHA, 2008).

Revolucionários da época hoje são ambientalistas, políticos e intelectuais, quando não tudo isso junto. Sirkis, no seu preposfácio de *Os Carbonários – memórias da guerrilha perdida*, para a edição de 2008:

6 Folha de Londrina, 11/05/2008.

Às vezes me preocupo quando ouço um jovem estudante dizer que admira o que fizemos, que somos um modelo para uma juventude alienada e sem rumo, que gostaria ter vivido naquela época. Procuo explicar o contexto histórico, a ditadura, a ilusão socialista, o paradoxo daquela rebeldia simultaneamente libertária e autoritária e, potencialmente, também liberticida lá onde alcançou o poder. (SIRKIS, 2008)

Não é esquecida a atitude de Paul Ricoeur, iminente pensador francês, quando professor de Nanterre, universidade que ajudou a fundar, estava do lado dos estudantes e quando na função de diretor, chamou a polícia para protagonizar suas perseguições ao movimento.

Luiz Carlos Maciel (BARROS, 2000), colaborador do Pasquim e idealizador e articulista da Coluna Uderground, autor do Livro Anos 60, assim pensou sobre seus resultados:

A grande lição que se tentou aprender, nos anos 60, foi a liberdade. Verificou-se o seguinte: o que as pessoas fazem socialmente é pura loucura, um escudo usado como proteção contra a verdadeira natureza da realidade, espontânea e incontrolável. As instituições cristalizam essa proteção, para que ela possa ser utilizada pelas massas. Mas não possui nenhum valor substancial. Só pode haver conhecimento de verdade, clareza, quando os escudos são dispensados. Um escudo é útil, como defesa, mas também cobre a visão. (BARROS, 2000)

Fernando Henrique Cardoso, “festejado” sociólogo, discípulo de Florestan Fernandes, aposentado pelo regime e auto-exilado no mesmo período, setenciou a partir de uma das atuações do movimento social MST (VALLE, 1999) “*A sociedade brasileira exige um basta a esse clima de baderna. A sociedade não quer a desordem*”.

O tenente Marco Pólo Giordanni lançou pela Tchê Editora, do Rio Grande do Sul, uma resposta a Arns o “*Brasil Sempre*”, onde denuncia a morte de oficiais mortos pela subversão, a partir dos seqüestros, assaltos a bancos ou passeatas e manifestações, mas o nobre militar talvez tenha se esquecido de mencionar Herzog, Edson Luis, Marighela, capitão Lamarca, Benedetti, bem como Allende, Guevara e tantos outros estudantes e operários anônimos que soçobraram no mesmo período, tanto no Brasil como em outros países da América Latina.

### **Considerações finais**

Maio de 1968, exatamente, mas não exclusivamente em Paris, legaram para o mundo expressões ricas de uma época. Ainda que componham engajadas agendas e não explicam tudo, expressam, de alguma forma, uma forma de conduta, uma crítica comportamental. As ruas da capital francesa e do “novo quilombo de Zumbi” expressam um movimento eminentemente urbano. Nada mais moderno, nada mais urbano. Na rua que, para João do Rio (2007), é a civilização da estrada (...)

Nas grandes cidades a rua passa a criar o seu tipo, a plasmar o moral dos seus habitantes, a inocular-lhes misteriosamente gostos, costumes, hábitos, modos, opiniões políticas. (JOÃO DO RIO, 2007)



E as opiniões dos revolucionários eram expressas dessa forma nos muros: “Abaixo o realismo socialista, viva o surrealismo; a ação deve ser uma reação, mas uma criação; as armas das críticas passam pela crítica das armas; a barricada fecha a rua, mas abre a via; proibido não colar cartazes; a economia está ferida, pois que morra; a poesia está na rua; sejam realistas, exijam o impossível; não tomem o elevador, tomem o poder”.

1968 foi impactante, os anos da invenção, mais que o consenso, comum em tempos totalitários, é fundamental que se oportunizam debates e debruços sobre o tema e a configuração da sociedade atual, tão ou mais complexa que aquela, por conta inclusive no seu depois a queda do muro de Berlim, o fim do socialismo real, a hegemonia do capital, a exclusão planetária e a “crise das utopias” e do fim de século. Ou ainda os anúncios da pós modernidade, do pós estruturalismo, da modernidade tardia e seus congêneres, e as análises de Foucault, Ricoeur, Elias, Touraine, Bhabha, Hall, Giddens, Derrida, McLuhan, Ferry e outros tantos.

Teóricos esperam por uma nova síntese, um agrupamento em torno de uma nova idéia, que forneça compreensão dessa realidade multifacetada e do eterno presente. Por outro lado, as manifestações, espontâneas ou organizadas, continuarão a ser forjadas nessa esfera. Além dos trabalhadores, estudantes, mulheres, homossexuais, negros e outros grupos humanos, ampliando a noção de Classe, atuarão, fornecerão inspiração para os teóricos, num jogo mais que dialético entre o real e a imaginação, entre a teoria e a prática, o segundo fornecendo novos significados ao primeiro, tal como se deu naqueles anos.

As águas de maio transbordaram no tempo.

### Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Perry, *A Crise da Crise do Marxismo – Introdução a um debate contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BARROS, José D’Assunção. *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BARROS, Patrícia Marcondes de. *Panis et Circenses : a idéia de nacionalidade no Movimento Tropicalista*. Editora. UEL, 2000.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOLLE, Willi. *Fisionomia da metrópole moderna*. São Paulo: Edusp, 2000.
- CARRERI, Marcio Luiz. *Agulha no Palheiro – o anarquismo nos livros didáticos*. Londrina, EDUEL, 2007 (2ª edição).
- DOSSE, François. *O Império do Sentido: a humanização das Ciências Humanas*. Bauru: Edusc, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- MARTINS FILHO, João Roberto (org.). *1968 faz 30 anos*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo:FAPESP; São Carlos: Ed. UFSCAR, 1998.
- MATOS, Olgária. *Paris 1968: As barricadas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RIO, João do. *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Martin Claret, 2007
- TÉTART, Philippe. *Pequena História dos Historiadores*. Bauru: Edusc, 2000.
- VALLE, Maria Ribeiro do. *1968: O diálogo é a violência: movimento estudantil e ditadura militar no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- VENTURA, Zuenir. *1968 O Ano que não Terminou: a aventura de uma geração*. Rio: Nova Fronteira, 1988.
- WOODCOCK, George. *Os Grandes Escritos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

### Fonte das Ilustrações

1. <http://virtualiaomanifesto.blogspot.com/2008/05/paris-maio-de-1968.html> - Acesso em: 21 abr. 2009.
2. [http://www.bp.blogspot.com/\\_qK4AMgRIRD8/RuytaTclWCI/AA](http://www.bp.blogspot.com/_qK4AMgRIRD8/RuytaTclWCI/AA) – Acesso em: 21 abr. 2009.
3. Vilar de Mouros, 1971
4. <http://www.bp.blogspot.com/.../Abaixo+a+ditadura!.jpg> – Acesso em: 21 abr. 2009.